



Brasão de Armas dos Habsburg

Fonte: <http://estate-sterling.com/twofrench19thcenturysterlingsilvercandelabra-royalcrownoneachpiece.aspx>

HABSBURGOS: A MAIS PARTICULAR DAS DINASTIAS

Aspirante José Eduardo Mesquita B. Filho

INTRODUÇÃO

Embora muitas casas reais estejam registradas na História, das mais diversas regiões e nacionalidades, pouquíssimas tiveram o destino do mundo em suas mãos. Dentre estas, nenhuma foi tão amada e odiada, tão poderosa e tão frágil, tão emblemática e tão intrínseca quanto os Habsburgos.

De um isolado recanto em meio aos cantões suíços até o Império onde o Sol jamais se punha, do sonho da monarquia universal à sua deposição após um desastre militar completo: uma história rica, cheia de reviravoltas, marcada por muito mais vitórias obtidas por astúcia e sensibilidade política do que por glórias militares, verdadeiramente única.

Neste artigo, procurarei descrever as origens e a história dessa fascinante família, singular em inúmeros aspectos, tendo como foco os principais aspectos peculiares a ela.

ORIGENS: DO CASTELO DO FALCÃO ATÉ O *DOMUS AUSTRIAE*

Muito do que se fala sobre o passado dos Habsburgos é alvo de construções de veracidade duvidosa, conforme será explicado posteriormente. Por enquanto, fiquemos com uma história que, mesmo sendo duvidosa, é bastante plausível. Por volta de 950, após uma caçada, Guntram, um rico nobre da região da Alsácia (atual França) perdeu seu grande falcão de caça. Após muito tempo de procura, encontrou-o sobre um rochedo estrategicamente localizado; seus descendentes construíram então, naquele local, setenta anos depois, um castelo, chamado Castelo do Falcão (*Habichtsburg*), que eventualmente emprestou seu nome à família.



Castelo Habichtsburg

Fonte: <http://text.habsburger.net/schauplaetze-en/habichtsburg/originalbild>

Este castelo passou a ser o quartel-general da família enquanto esta firmava sua posição como uma das mais influentes da região. De início, eles não eram nem ao menos a família mais importante das cercanias de Aargau (atual Suíça) e sul da Alsácia; entretanto, a partir de Werner (primeiro conde da família), houve grande fortalecimento da família enquanto as tradicionais famílias rivais desapareciam ou perdiam importância, como os duques de Zähringen e os condes de Kyburg. No início do século XIII, eles já eram a família mais importante entre o alto Reno e os Alpes.

Seu engrandecimento veio numa hora propícia: o Sacro Império Romano Germânico vivia uma séria crise, conhecida como “Grande Interregno”: desde a morte do último dos Hohenstaufen, Imperador Frederico II, em 1250, começou uma era de grandes hostilidades entre os principais nobres do Império. Pequenas guerras eclodiram em toda a Europa Central e, vinte e três anos depois, após a intervenção papal contra a eleição de um novo rei muito forte, os eleitores rejeitaram a ideia de escolher o rei da França ou o Rei da Boêmia, Ottokar II Pemysl (visto como um estrangeiro semibárbaro), em favor de um nobre menor: Rudolf, conde Habsburgo.

Seu nome apareceu como a solução perfeita: forte o suficiente para unir os príncipes menores e restabelecer a paz no Império, porém fraco o suficiente para não ter capacidade de recuperar a autoridade imperial e, já com 55 anos, provavelmente não teria um reinado muito longo. Mal sabiam que estavam coroando um monarca enérgico, que governaria pelos próximos dezessete anos com autoridade e poder crescentes. Ele foi coroado Rei dos Romanos no trono de Carlos Magno, em Aix-la-Chapelle (1272).



Rudolf I

Fonte: http://english.habsburger.net/module-en/rudolf-i-von-habsburg-ein-armed-graf-wird-koenig/MB-ST_D16-MOD3-01.jpg/?size=preview&plus=1

A sua eleição não foi gratuita, no entanto. Além de grandes quantias em dinheiro gastas, duas filhas (levando terras como dotes) foram casadas imediatamente. Sua coroa, contudo, foi ganha também com sangue. Ottokar não aceitou sua eleição, chamando-o de “*comes minus ydoneus*” (Conde paupérrimo), o que não era verdadeiro: embora mais fraco que seu rival, Rudolf era suficientemente poderoso para ao menos cercar as ambições desse rei.

Um conflito oficial não tardaria a acontecer: o boêmio havia casado com Margaret, a última dos Babenbergs, família austríaca poderosa cujo último duque morrera em 1252, e ao tomar posse dos territórios que ganhara como dote, encontra forte resistência dos nobres e dos burgueses da região. Estes se aproximam do recém-eleito imperador, buscando sua proteção. Acontece, então, um momento decisivo na vida dos dois reis: buscando reafirmar sua autoridade, ele conclama Ottokar a comparecer à Dieta Imperial para prestar seus votos de vassalagem pelas terras do leste do Império que recebera no casamento. Ele não tinha capacidade para guerrear contra este nem de exigir diretamente os territórios para si; entretanto, a recusa de Ottokar em comparecer uniu os príncipes ao redor de Rudolf, que bane seu rival e envia um exército diretamente contra Viena.

O boêmio, pego de surpresa pela decisão imperial, ganha tempo para poder vingar-se ao implorar por paz, concordando com termos pesados: casamento com os Habsburgos, perda da Áustria e da Caríntia e juramento de vassalagem ao Imperador; assim que o anátema é levantado, entretanto, organiza um exército gigantesco (seu reino ia do Báltico ao Adriático...), mais assemelhado a uma horda. Rudolf organiza então uma aliança “à Habsburgo”, via casamentos: em conjunto com o rei da Hungria e o Duque da Bavária, manobra suas forças e surpreende Ottokar nas planícies ao norte de Viena, em Marchfeld.

Vencedor, ele adquiriu então para si o território que passaria a ser verdadeiramente considerado como Habsburgo: a Áustria, além de suas cercanias (Caríntia e Estíria). Franz Grillparzer eternizou a vitória dos Habsburgos em sua peça “O destino e fim do Rei Ottokar”, feita 550 anos depois para saudar a origem gloriosa dos vitoriosos Habsburgos da Europa pós-Napoleônica, retratando o diálogo de Rudolf com seus dois filhos sobre o cadáver de Ottokar II. O trecho a seguir explicita muito bem os ideais daquilo que poderíamos considerar como o “Credo dos Habsburgos”:

*“Sedes grandes e fortes; aumentem sua estirpe e linhagem,
Faça com que se estenda a regiões próximas e distantes,
Com o nome Habsburgo estampado tal qual estrela!
Mantenha-se ao lado de seu irmão, o apoie.
Caso sejam desencaminhados por arrogância,
Com orgulho em governar levantai vossas cabeças.
Pensai neste presunçoso homem agora morto,
Cujos crimes Deus punirá, um a um,
A Ottokar, por sua ascensão e queda.
(...)
Saudamos-vos, soberano agora destas terras
Que, tal qual trovão ecoe pelos céus:
Salve o Primeiro Habsburgo da Áustria;
Salve Habsburgo!
Salve Áustria!
Habsburgo para sempre!”*



Batalha de Marchfeld

Fonte: <http://www.digital-guide.cz/en/realite/chronology-of-prague/10-battle-on-the-marchfeld/>

SER HABSBURGO: SER CATÓLICO

Ponto central de sua identidade, especialmente decisivo durante os turbulentos séculos XVI e XVII, sua ligação com a religião Católica dá-se desde os primór-



Procissão Corpus Christ – 1898

Fonte: <http://english.habsburger.net/schlagworte-en/glauben>

dios. Sua ligação com a Igreja se dá desde o princípio; antes de tudo, um Habsburgo deveria ser um católico piedoso, cumprindo estritas rotinas de devoção pública que foram sendo criadas ao longo dos séculos. Por mais que essa piedade fosse uma fachada em muitos casos, vários dos Imperadores e familiares entraram para a história como verdadeiramente devotos, exigindo de seus súditos zelo semelhante.

Especial identificação se dá com a festa de Corpus Christi, celebrada com grande empenho até o século XIX. Como muitas das tradições familiares, sua origem remonta a um fato possivelmente mítico: retratada no quadro “Conde Rudolf ajuda um padre sobre um córrego”, a lenda diz que, ao ver um padre que ministrava a Eucaristia (hóstia consagrada) a um doente próximo a um córrego, o nobre teria saltado de seu cavalo imediatamente e o ofertado ao religioso, dizendo que “Não é digno que eu cavalgue enquanto que o servidor do meu Senhor e Salvador está a pé”, atravessando o córrego caminhando com o sacerdote em sua montaria. Deu, então, o animal ao padre, dizendo que “Este ser não serviria mais a propósitos mundanos após ter carregado o Senhor”.

Recontada diversas vezes, nas mais diversas ocasiões, esta alegoria mostra a identificação da família, desde seus primórdios, com a figura do próprio Cristo, alegando favorecimento divino, uma linhagem (assinada na figura de seu fundador) que colocava o serviço a Deus acima de outras questões.

A morte de muitos dos Habsburgos, inclusive, costumava ser também da maneira mais católica possível,

conforme relatos diversos de inúmeros contemporâneos: deitados em suas camas, olhando fixamente para o crucifixo em suas mãos, após terem recebido os ritos finais de um sacerdote e com o nome de Jesus nos lábios.

Essa postura de se entender como alvos favoritos da Graça de Deus e seus favorecidos lhes foi extremamente importante nos períodos mais negros de sua longa história. Muitas vezes, o que lhes restava era a ideia de que Deus lhes propiciaria algo melhor. *Semper patientia*. Mostra também algo que lhes passou a ser inato: a capacidade de projeção do presente no passado.



Rudolf e o padre

Fonte: http://www.altekunstvienna.com/frontend/scripts/index.php?groupId=0&productId=1504&setMainAreaTemplatePath=mainarea_productdetail.html&query=rudolf+priest

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE: MITOS

Uma ideia que nos é incomum hoje é a capacidade de distorcer o passado. Numa época em que os mitos muitas vezes eram mais relevantes do que os fatos ou que os símbolos eram mais importantes que discursos nítidos, a certeza da veracidade de diversos acontecimentos não era mais importante do que o significado dos mesmos.



Coroa do Arquiducado da Áustria

Fonte: <http://en.wikipedia.org/>

A própria lenda do encontro de Rudolf I com o padre ilustra isso. Poucos se importaram em averiguar a veracidade do encontro: o importante é que desde o princípio os Habsburgos tiveram uma postura piedosa e uma ligação estreita com Deus. Outro exemplo são as narrativas genealógicas: feitas para reafirmar e aprofundar a aura de grandeza e de autoridade da Casa, novos estudos continuamente eram feitos, passando a “provar” em uma linha que eles descendiam dos troianos a partir de diversas personalidades romanas, como Júlio César e Enéias; por outra, que eles eram descendentes dos Carolíngios e dos Merovíngios (dinastias reais francesas e, posteriormente, de Carlos Magno). Por uma última, sua história remontava ao bíblico Noé.

Uma criação mítica, no entanto, tem especial importância para a formação da identidade dos Habsburgos e para seu peculiar senso de predestinação e de relevância histórica: a ligação com os Babenbergs e o subsequente *Privilegium maius*.

Após ter tomado posse da Áustria, os Habsburgos começaram um processo de profunda identificação com os Babenbergs, família que se tinha dedicado, nos últimos 300 anos, a desenvolver aquela região. A identificação passou a se dar de tal maneira que, algumas décadas após a vitória em Marchfeld, os nomes Leopoldo e Frederico, incomuns àqueles mas corriqueiros para estes, passaram a ser alguns dos nomes mais comuns da família. Essa ligação, aparentemente inócua (afinal, clamar que os Babenbergs nada mais eram do que os ancestrais dos Habsburgos), tem fortes consequências políticas.

Cem anos antes, o grande Imperador Frederico Barbarossa concedeu o *Privilegium minus* (“Privilégio menor”) a essa família, delegando-lhes considerável independência. Este documento, tão relevante, encontrava-se perdido, tendo sido encontrado, após grande procura não no local onde deveria estar, mas sim nos arquivos pessoais dos Babenbergs em Viena. Se um documento tão importante sumiu, talvez outro documento similar tivesse desaparecido também... O *Privilegium maius* (“Privilégio maior”), emitido por outro Rudolf (de alcunha “o fundador”) em 1358, vem sendo considerado por estudiosos, na melhor das hipóteses, um altamente colorido embelezamento dos fatos e, na pior delas, uma clara e absurda falsificação.

Com este revolucionário documento, os Habsburgos não queriam, em sua opinião, aumentar seus privilégios. Desejavam apenas, publicamente, requerer para

si, de maneira permanente, os direitos dos quais já se achavam possuidores: eles eram, por Deus, predestinados à grandeza, e isso não necessitava de sanções. Os demais nobres alemães, no entanto, não concordavam com esses ideais e muito menos com os termos do documento que, entre outras coisas, teria sido escrito pelo próprio Júlio César, e dava novas regalias ao seu domínio, como a inseparabilidade do território austríaco, direito de herança automática por primogenitura para os Habsburgos, permissão de uso de insígnias de realeza e jurisdição completa sobre o território, não mais um ducado, mas um Arquiducado.



Privilégium Maius

Fonte: http://english.habsburger.net/module-en/das-haus-oesterreich-habsburg-und-das-reich/habsburg-und-das-reich/MB-ST_R13-MOD8-03.jpg

As implicações desse documento eram tremendas: de um nobre importante, Rudolf, o fundador, (e seus descendentes) passava a ter autonomia completa do Imperador, na prática, além de ter um *status*, senão maior (pois tinha direitos àquelas terras desde os tempos da Roma imperial, antiguidade similar apenas à do próprio ofício de Sacro Imperador), ao menos equivalente aos mais poderosos nobres germânicos, os príncipes-eleitores. O refutamento do documento pelo Imperador de então não alterou, para a família, a

sua validade: alguns anos mais tarde, quando o trono passou a ser ocupado novamente por um Habsburgo, o *Privilegium maius*, além de aprovado, foi declarado perene e indiscutível. Estava forjado o elo definitivo entre o *Domus Austriae* e a casa dos Habsburgos, que passariam a estar intrinsecamente ligados desde então.

O “MODUS HABSBURGO”: A POLÍTICA DE ALIANÇAS

“Bella gerant alii, tu Felix Austria nube.”

(Deixe que outros guerreiem, você, feliz Áustria, casa-se.)

Um aspecto que chama atenção na história desta família é a capacidade de lucrar com uma política de casamentos bem-sucedida e alguns golpes de sorte. Nações e reinos juntaram-se às posses familiares: Espanha e Portugal e seus impérios ultramarinos, Hungria, Croácia, Boêmia, Milão, Toscana e diversas áreas no norte da Itália, Borgúndia, Países Baixos, Nápoles, Sicília, Sardenha; por certo período, o sonho de uma monarquia universal realmente pareceu não só possível como iminente.

Ao contrário do que ocorreu em outras monarquias europeias, especialmente com a também germânica di-

nastia prussiana dos Hohenzollern, os campos de batalha não eram os principais responsáveis pelo poderio que os Habsburgos atingiram, mas sim os casamentos. O primeiro mestre desta “arte matrimonial” foi Maximiliano I. Seu pai, Frederico III, assustado com as ambições do duque da Borgúndia (grande principado da época, conforme mapa) casa Maximiliano com a única filha do duque. O duque morre no mesmo ano do casamento, incorporando à coroa Habsburgo vastas extensões de terra. Seu segundo casamento, após a morte de sua esposa em trágico acidente, lhe legou domínios e guerras com a França no norte da Itália.

Orientou, então, o casamento de seus filhos e netos para antagonizar com os franceses. Por acaso do destino e falecimentos diversos, seu neto, Carlos V, passou a ser o primeiro monarca sobre cujo império “o Sol jamais se põe”. Após sua morte, seu filho Filipe II pôde herdar, além da riquíssima coroa espanhola, territórios italianos e burgúndios, a coroa portuguesa e suas ricas e diversas possessões e colônias, enquanto seu irmão Fernando I passou a ser Sacro Imperador, governante dos territórios hereditários da família (Áustria e adjacências), Rei da Boêmia, Hungria e Croácia.



Mapa da Borgúndia
Fonte: <http://en.wikipedia.org>



Domínios europeus de Carlos V
Fonte: <http://www.rootsweb.ancestry.com/~wggerman/map/images/hapsburg.jpg>



Brasão de Armas de Carlos V
Fonte: <http://en.wikipedia.org>

Essa incrível bonança geraria, no futuro, sérios problemas. O casamento de Filipe com a rainha Maria da Inglaterra não gerou filhos, mas sim rancor dos anglicanos ingleses, que se tornaria fatídico, anos depois, com a guerra contra a Inglaterra e a derrota da Invenível Armada espanhola para o clima, inaptidão de comando e para as altamente manobráveis naus inglesas. Da mesma maneira, a falta de pretendentes de mesmo nível (dada a animosidade à França e o ódio aos protestantes) causou um crescente aumento no número de casamentos intrafamiliares, que eventualmente levou a um esgotamento da família. Algumas décadas depois, o último Habsburgo espanhol, Carlos II da Espanha, morreu sem descendentes, fazendo com que a coroa espanhola e suas posses fossem perdidas para sempre.



Brasão de Armas de Felipe II
Fonte: <http://en.wikipedia.org>

Importante foi o papel que as mulheres Habsburgos desempenhavam. As arquiduquesas eram não só moeda de troca para negociações de casamento, mas muitas vezes as governantes nominais, seja com seus maridos ou sozinhas, de regiões diversas, tornando possível a administração das posses que seus tios, irmãos e sobrinhos simplesmente não teriam como gerir. Independentemente do sexo, governar, para os Habsburgos, era um assunto de família.

Uma curiosidade interessante é que, embora possamos considerar que quase a totalidade dos casamen-

tos da família foram arranjados por muitos séculos, há numerosos relatos de que boa parte dessas uniões foram muito felizes e que chegaram até a nutrir amor verdadeiro. Isso levou, já no século XIX, a uma associação dos Habsburgos a valores como a salvaguarda da família, valorização da infância e de *Felix Austriae*, o reino feliz.

O LONGO CONFLITO COM OS “INFIÉIS”: HABSBURGOS X OTOMANOS

Desde os primórdios da família, o conflito com os “infiéis” turcos otomanos assumiu um papel preponderante: de luta desesperada pela sobrevivência à válvula de escape, passando por um longo período de conflito entre iguais, a Áustria Habsburgo foi classificada sucessivamente como salvadora e último baluarte ocidental da Cristandade contra a incontrolável horda islâmica e como ave de rapina em busca dos espólios do “Homem doente da Europa”, quando da decadência desse rival.

Após a fatídica Batalha de Mohács (1526), onde a flor da nobreza húngara e sua família real foram erradicadas pelos turcos, o destino da Cristandade parecia realmente negro. Armênios, bizantinos, gregos, maronitas, coptas, sérvios, búlgaros, croatas, eslovenos e agora os húngaros: toda a cristandade oriental (exceto os russos, subjugados pelos mongóis) estava dominada por eles, e agora os latinos viam-se ameaçados.

Embora os sarracenos já tivessem sido derrotados e a Reconquista Ibérica tivesse sido terminada, o Norte da África era muçulmano, enquanto Rodes, Chipre, Malta, Creta e Sicília eram cobçadas como pontos de apoio tanto dos piratas islâmicos quanto da Marinha otomana, sendo tomados um a um. Viena era o próximo alvo, sendo cercada em 1529. Com um exército sete vezes menor, Ferdinando I bravamente defendeu com êxito o “portão da Europa Central”. Sem conseguirem uma vitória decisiva e castigados pelo inverno inclemente, os muçulmanos retiraram-se.

Com a derrota naval em Lepanto (para uma esquadra católica liderada pelos espanhóis Habsburgos), conflitos dinásticos internos (como quando o príncipe Maomé enforcou seus 19 irmãos para ascender ao trono como Maomé III) e revoltas constantes, demoraria mais um século antes dos turcos conseguirem novamente empreender um cerco a Viena. Em 1683 eles finalmente voltaram, sendo derrotados dessa vez pelo exército de reforço de alemães e polacos liderado pelo Rei da Polônia.

Seguiu-se fulminante contra-ataque, e os dois impérios continuariam em guerra pelas próximas décadas. Os austríacos cada vez mais em posição de vantagem, porém cada vez mais incapazes de assegurar seus ganhos por conta dos sucessivos conflitos nos quais se envolviam na Europa Central e Ocidental, normalmente contra os franceses (que foram aliados dos otomanos por muitos anos).



Príncipe Eugênio de Savóia durante a Batalha de Belgrado – 1717
Fonte: <http://en.wikipedia.org>

Após muitas idas e vindas através dos Bálcãs, os turcos começam a ser efetivamente derrotados pela própria história: a Revolução Industrial deixa os ingleses, franceses, prussianos, russos e os próprios austríacos com um poderio econômico e militar muito superior aos islâmicos. No fim do século XIX, o sultão não era mais visto como rival pelos ocidentais, mas sim como excelente contenção ao crescimento dos russos.

Essa nova visão geopolítica faz o impensável acontecer: com a entrada dos turcos ao lado dos alemães na Primeira Guerra Mundial, o Império Austro-Húngaro e o Império Otomano tornaram-se aliados. Os dois opositores ferrenhos, após quatrocentos anos de animosidade quase contínua, lutaram juntos literalmente até o fim: foram desmembrados pelos Tratados de Paz que deram fim ao conflito.

GEOPOLÍTICA HABSBURGO: DA MONARQUIA UNIVERSAL AO OCASO

Inicialmente, a grande preocupação dos Habsburgos perante o mundo cristão era a de assegurar

seus domínios e seu *status* perante as demais famílias do Sacro Império Romano-Germânico. A partir da coroação de Frederico III (1452), contudo, eles conseguiram manter o título de Sacro Imperador de maneira praticamente contínua até a dissolução desta instituição, em 1806.

Com sua posição assegurada, passaram então a alçar voos mais altos. Com a criação da linha espanhola, as preocupações passaram a ser subjugar a poderosíssima França e reconverter os protestantes príncipes do norte da Alemanha. O sonho de uma Monarquia Universal, condizente com o espírito de predestinação da família, pereceu diante da ligação entre esses dois rivais: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), último conflito religioso da Europa Central, assinalou também a limitação das ambições da família, que ficaria até o início do século XIX lutando apenas para manter suas posses.

Um adversário fez questão de se mostrar como o novo pretendente a monarca universal: Luís XIV, rei-Sol, governou a França por um longo período, em tudo procurando formar um novo estilo de governo, centrando toda a glória e esplendor de seu reinado em sua própria figura. Para se contrapor a esse novo estilo, Leopoldo I, Sacro Imperador da época, realçava em cada imagem sua os símbolos reais, como insígnias, coroas, brasões e cetros, normalmente imerso em meio aos seus ancestrais, ressaltando a imagem de continuidade, de tradição e, acima de tudo, de esplendor e glória de seu reinado em torno de sua família.



Palácio Hofburg à noite

Fonte: <http://www.travelsignposts.com/Austria/sightseeing/hofburg-vienna-palace>

A Revolução Francesa, com a decapitação do Rei Luís XVI e sua esposa austríaca, mostrou-se uma inimiga muito mais séria do que o esplendor do rei-Sol: a avalanche produzida pelo lema “Liberté, Égalité, Fraternité” e pelas vitórias de Napoleão Bonaparte por pouco não destruiu os Habsburgos. Contudo, com as derrotas de Napoleão em Leipzig e Waterloo e o Congresso de Viena, o agora Imperador da Áustria (título criado em 1804) aparecia novamente como um dos mais poderosos da Europa.

O foco de tensões muda: em vez da rivalidade de quase trezentos anos com a França, o século XIX como um todo foi marcado pela disputa com a Prússia pela supremacia diante do restante da Alemanha. Mais industrializada, culturalmente unificada e com um exército muito mais bem equipado e treinado, a Prússia destroçou qualquer ambição austríaca: fez a Áustria perder seus territórios no norte da Itália para o Piemonte (o qual terminaria por unificar essa região alguns anos mais tarde), abdicar de sua influência no restante da Alemanha e sucumbir às pressões dos húngaros por maior autonomia (gerando a monarquia dual, o Império Austro-Húngaro). O poderoso império passou então a ser uma potência secundária, cada vez mais descobrindo nos Balcãs sua única rota de expansão.

A Primeira Guerra Mundial colocaria fim a qualquer projeto de reestruturação: sem aguentar as pressões internas dos seus mais variados grupos étnicos sub-representados (eslavos, tchecos e italianos, por exemplo) e atrasada tecnologicamente, sucumbiu diante do conflito, sendo despedaçada pelas potências vencedoras após o fim do conflito.

O FIM E O RECOMEÇO: NOVOS HORIZONTES

A criação da República Democrática da Hungria e da República Germânica da Áustria gerou a deposição formal dos Habsburgos. Após algumas tentativas fracassadas de recuperar o trono, a família exilou-se na Suíça. Carlos I, último Imperador, nunca abdicou formalmente; entretanto, a “lei Habsburgo”, passada pelo parlamento austríaco, confiscou a propriedade e os direitos políticos da família. Revogada em 1935, foi especialmente reforçada pelos nazistas com o *Anchluss* (união pacífica com a Alemanha em 1938): Hitler decretou pena de morte sumária a qualquer Habsburgo. Mais à frente, já durante a guerra, foi decretado que qualquer membro da família deveria ser morto imediatamente se avistado.

Dois irmãos do ex-imperador foram, inclusive, enviados para o temido Campo de Concentração de Dachau. Isolado de sua pátria-mãe, Otto Von Habsburgo (chefe da família desde 1922) participou ativamente da campanha pró-intervencionista nos EUA, conseguindo o apoio do então Primeiro-Ministro britânico, Winston Churchill, à formação de uma Confederação do Danúbio, nos moldes do falecido Império Austro-Húngaro, rejeitado posteriormente por Stalin, líder da União Soviética.

Otto Von Habsburgo ajudou aproximadamente 15.000 judeus a fugirem da Áustria antes do início da Guerra, lutou avidamente para forçar uma intervenção aliada que impedisse que seu país ficasse sob a esfera de influência soviética, foi membro ativo do parlamento europeu desde sua fundação (através de um partido do sul da Alemanha) e um dos maiores nomes do ideal de unificação continental através do fortalecimento da União Europeia. Seria predestinação o novo sonho de unificação continental ser, mesmo que parcialmente, pavimentado pelas iniciativas de um membro dessa família? Morreu em 2011, com honras de Chefe de Estado em diversos países. Seu filho primogênito, Carlos, chefe da casa, encontra-se afastado da política no momento.



Funeral de Otto Von Habsburgo

Fonte: <http://sglinks.com/pages/1106832-european-royals-gather-habsburg-funeral>

CONCLUSÃO

Amados e odiados, mas sempre admirados. Temidos ou ridicularizados, mas sempre levados em consideração. Atacantes ou atacados, mas sempre envolvidos nos principais conflitos. Reacionários e antiquados ou defensores dos verdadeiros valores da sociedade



Águia bicéfala

européia ocidental? Fanáticos intolerantes ou complacentes demais?

Muito se disse sobre a Casa d'Áustria, e muito ainda se dirá. Se eles foram bem sucedidos ou não durante sua longa caminhada pública é algo extremamente discu-

tível: desastres militares, a deposição da monarquia nas terras por eles governadas e a incapacidade de se atingir a monarquia universal podem ser colocadas lado a lado com o fato de que eles foram Sacro Imperadores por quase quatrocentos anos, Reis da Hungria por 392, Reis da Boêmia por 402, Reis da Espanha por 184, Imperadores da Áustria por 112 e governantes de diversas áreas da Europa por muitas décadas (Itália, Portugal, Holanda, Bélgica e Suíça, por exemplo), além, é claro, de Duques e Arquidukes da Áustria desde 1282.

Talvez a conclusão mais importante que pode ser tirada dessa complexa herança é de que, triunfais ou humilhados, eles escreveram seu nome na História. Se não da maneira como ele esperava, o Imperador Rudolf I e seu exército tiveram seus desejos atendidos: o nome Habsburgo é, através dos símbolos que fizeram ou que tomaram para si, para sempre.

SACRO IMPÉRIO ROMANO GERMÂNICO

“Nem Sacro, nem Império, nem Romano”, disse Voltaire sobre essa coleção de principados da Europa Central, que chegou a ir do que é atualmente o leste da França até o oeste da Polônia e do sul da Dinamarca à Sicília, era governada oficialmente por um só monarca. Muito relevante, especialmente na Idade Média, quando os Sacro Imperadores muitas vezes envolveram-se em lutas ferrenhas com o Papa pelas fronteiras entre o poder espiritual e temporal de ambos, foi se transformando cada vez mais em uma verdadeira confederação de componentes muito díspares, de pequenos feudos semi-independentes até reinos e ducados de grande porte e largamente autônomos.

Desde o século XIII, o imperador era eleito dentre os líderes do Império: sete eleitores, sendo três príncipes-bispos representando os territórios eclesiásticos e quatro príncipes laicos representando o poder temporal, eram responsáveis por esse processo, normalmente repleto de artimanhas como suborno explícito.

Muitas reformas foram feitas no sentido de tentar viabilizar efetivamente o Império como um Estado, mas as instabilidades religiosas causadas pela Reforma



Palácio Schönbrunn

Fonte: <http://www.seraphiczephyr.us/>

protestante e pela Contra-Reforma deram fim a qualquer pretensão unificadora por muitos anos. Sua existência foi, em grande parte, a responsável pela demora da Alemanha e da Itália em atingirem a unificação nacional.

Foi extinto por pressão de Napoleão Bonaparte, em 1806, e substituído pela Confederação do Reno,

destruída no Congresso de Viena. A ideia de coligação dos principados germânicos permaneceu viva até que, após vencer a Áustria e a França, a Prússia finalmente

deu fim ao aglomerado Centro-Europeu, enquanto o Piemonte obtinha a unificação da Itália em torno de seu rei.

A ORDEM DO TOSÃO DE OURO



Insígnia Ordem do Tosão de Ouro

Fonte: http://english.habsburger.net/module-en/das-goldene-vlies/das-goldene-vlies/MB-ST_R12-MOD1-01.jpg?size=preview&plus=1

Criada em 1430 na cidade de Bruges (atual Bélgica), no centro da então monarquia burgúndia, a Ordem do Tosão de Ouro, quando fundada, tinha por objetivo reviver o ideal do *miles christianus* (soldado cristão) e os ideais da cavalaria.

Seus membros formavam a consciência moral do Reino, respondendo somente ao Rei em muitos assuntos, inclusive em querelas jurídicas. A liderança da Ordem veio como parte do dote de Maria da Burgúndia com o Imperador Maximiliano I, servindo de símbolo-chave dos ideais de defesa da fé católica (contra os protestantes ou contra os muçulmanos), tão querida aos governantes Habsburgos.

Ser membro dessa Ordem (limitada a 50 integrantes) era o ponto de maior honra a ser atingido por um súdito de qualquer domínio administrado pelos Habsburgos: o mais antigo desta família era o chefe da ordem e o único com o poder de escolher os novos membros.

BIBLIOGRAFIA

WHEATCROFT, Andrew. *The Habsburgs, Embodying Empire*. 25. ed. Londres: Penguin Books, 1996.

The World of the Habsburgs. Disponível em: <<http://english.habsburger.net>>. Acesso em: 30 de agosto de 2012.